

**VOZES SOCIAIS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DO  
SUJEITO NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**VOCES SOCIALES: UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE EL LUGAR DEL  
SUJETO EN LOS ESTUDIOS LINGÜÍSTICOS**

Ana Caroline Pereira da Silva <sup>1</sup>  
Manassés Morais Xavier <sup>2</sup>  
Fábio Marques de Souza <sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva apresentar reflexões sobre a forma como o sujeito social é considerado por várias vertentes dos estudos linguísticos, através de uma revisão bibliográfica realizada por meio de um recorte, de acordo com o tema a ser trabalhado. Seleccionamos para isso três momentos que compreendemos como sendo importantes para visualizar as diferentes posições que o sujeito ocupa nos referidos estudos. Primeiro, apresentamos algumas considerações sobre a Linguística moderna que teve como principal nome Saussure; depois, nos dedicamos a tratar sobre a Linguística da Enunciação postulada por Benveniste e, por último, dialogamos a respeito da Linguística Aplicada (In)disciplinar que, na contemporaneidade, tem sido trabalhada por vários estudiosos, dentre os quais destacamos Moita Lopes e Celani. Para observação e reflexão de como, em cada momento histórico distinto, o sujeito foi abordado nos estudos linguísticos buscamos compreender as mudanças de perspectiva e sua relação com a conjuntura social, ao mesmo tempo em que levamos em consideração que as mudanças ocorridas fazem parte de uma linha ininterrupta dos referidos estudos compreendendo que, de certa forma, cada uma das vertentes apresentadas contribui para que os processos de mudança ocorram, de modo a contemplar o momento histórico e a dinâmica dos fenômenos linguísticos.

**Palavras-chave:** Estudos linguísticos. Fenômenos linguísticos. Sujeito social.

**Resumen:** El presente trabajo tiene como objetivo presentar reflexiones sobre la forma en que el sujeto social es considerado por diversos aspectos de los estudios lingüísticos,

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Email: [ana.c.pereira@estudante.ufcg.edu.br](mailto:ana.c.pereira@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Adjunto II de Língua Portuguesa e Linguística na Unidade Acadêmica de Letras, Centro de Humanidades, da Universidade Federal de Campina Grande (UAL/CH/UFCG) e Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Email: [manasses.morais@professor.ufcg.edu.br](mailto:manasses.morais@professor.ufcg.edu.br);

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela USP. Professor no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba e do Programa de Pós-graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB). Atua também como professor colaborador no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Email: [fabiohispanista@gmail.com](mailto:fabiohispanista@gmail.com).



a través de una revisión bibliográfica seleccionada, según el tema a trabajar. Para ello, seleccionamos tres momentos que entendemos importantes para visualizar las diferentes posiciones que ocupa el sujeto en estos estudios. En primer lugar, presentamos algunas consideraciones sobre la Lingüística moderna, cuyo nombre principal es Saussure, luego nos dedicamos a tratar la Lingüística de la enunciación postulada por Benveniste y, finalmente, discutimos la Lingüística Aplicada (In)disciplinar que, en la época contemporánea, ha sido trabajada por varios estudiosos, entre los que destacamos a Moita Lopes y Celani. Para observar y reflexionar sobre cómo, en cada momento histórico diferente, se abordó el tema en los estudios lingüísticos, se busca comprender los cambios de perspectiva y su relación con la coyuntura social, teniendo en cuenta que los cambios ocurridos son parte de una línea ininterrumpida de estos estudios, entendiendo que, de alguna manera, cada uno de los aspectos presentados contribuye a que el proceso de cambio se produzca, a fin de contemplar el momento histórico y la dinámica de los fenómenos lingüísticos.

**Palabras clave:** Estudios lingüísticos. Fenómenos lingüísticos. Sujeto social.

**Abstract:** The present work aims to present reflections on the way in which the social subject is considered by various aspects of linguistic studies, through a bibliographic review conducted by clipping, according to the theme to be worked on. For this, we have selected three moments that we understand as being important to visualize the different positions that the subject occupies in these studies. First, we present some considerations about modern linguistics whose main representative was Saussure; then, we dedicated ourselves to dealing with the Linguistics of Enunciation postulated by Benveniste and, finally, we discussed the Applied (In)disciplinary Linguistics that, in contemporary times, has been worked on by several scholars, among which we highlight Moita Lopes and Celani. In order to observe and reflect on how, in each different historical moment, the subject was approached in linguistic studies, we seek to understand the changes in perspective and their relationship with the social conjuncture, while considering that the changes that have occurred are part of a uninterrupted line of these studies, understanding that, in a way, each of the aspects presented contributes to the process of change, in order to contemplate the historical moment and the dynamics of linguistic phenomena.

**Keywords:** Linguistic studies. Linguistic phenomena. Social subject.

## 1. INTRODUÇÃO

“A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação” (SAUSSURE, 2006, p.22)

“A partir da função linguística, e em virtude da polaridade eu: tu, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares.

De fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”  
(BENVENISTE, 2005, p. 27)

“A Linguística Aplicada parece ter vocação para uma atitude transdisciplinar. Essa preocupação com o social, com o humano, há tempos tem sido objeto de pesquisas em Linguística Aplicada e, de fato, é componente fundamental na definição da disciplina”  
(CELANI, 1998, p. 118)

O nosso foco neste trabalho recai sobre o sujeito e o espaço por ele ocupado ao longo dos estudos linguísticos de algumas correntes por nós selecionadas. Inicialmente, trazemos as três citações acima como um vislumbre sobre as perspectivas pelas quais o sujeito, enquanto usuário da língua, é considerado nos estudos linguísticos. A perspectiva saussuriana relega a este o lugar da passividade, enquanto destaca o caráter preponderante da língua enquanto instância social.

A proposta de Benveniste ao apresentar sua Linguística do eu traz a luz o sujeito como parte indissociável da sociedade, o linguista utiliza o sistema da língua para destacar a presença do sujeito social e a faculdade simbólica que o ser humano possui para atuar na sociedade através do discurso, sendo responsável por transmitir, manter ou modificar sua cultura usando a língua. Por último, a Linguística Aplicada ratifica seu compromisso em articular-se com outras disciplinas e colocar a sociedade e o sujeito no centro das discussões

Ao longo deste trabalho, temos por objetivo apresentar algumas considerações sobre qual o lugar ocupado pelo sujeito, na condição de ente social, em cada momento dos estudos linguísticos aqui destacados, a saber: o surgimento da Linguística como ciência pelos estudos de Saussure, o apogeu dos estudos de base estruturalista com a incorporação do sujeito nos estudos linguísticos através de Benveniste, por último, a Linguística Aplicada na modernidade recente, no Brasil.

## **2. A LINGUÍSTICA DE SAUSSURE**

A linguagem é tema de discussão das várias áreas do conhecimento. Isso acontece desde a Antiguidade e nos permite tratar desses estudos considerando-os em uma linha ininterrupta, na qual existem questões que nunca são completamente respondidas e maneiras de considerar os fatos linguísticos que convergem e divergem, tanto ao longo dos anos quanto em um mesmo período histórico.

Uma prova das continuidades é o próprio Saussure, que mesmo sendo considerado o pai da Linguística moderna, trilhou caminhos que antes já haviam sido

apontados por outros estudiosos. Um exemplo disso é citado por Benveniste (2005, p.25):

Descobre-se agora que essa concepção de linguagem teve os seus precursores. Estava implícita naquele que os descritivistas modernos reconheceram como seu primeiro antepassado, o gramático hindu Pānini, que, pelos meados do IV século antes da nossa era, havia codificado a língua védica em fórmulas de uma densidade exemplar: descrição formal, completa, rigorosa, não maculada por qualquer interpretação especulativa ou mística.

O interesse pela linguagem originou o surgimento de estudos relacionados à gramática normativa, estudos histórico-comparativos das línguas, estudos filológicos etc. Até o momento em que, no século XX, Ferdinand de Saussure propôs o estudo imanente da língua. Ao determinar os parâmetros da análise do sistema linguístico, o suíço fez várias separações didáticas, as quais foram classificadas como dicotomias. Entre elas destacamos: *langue* (língua) e *parole* (fala), relações *in praesentia* e relações *in absentia*, sincronia e diacronia e significante e significado.

Ao tratar sobre o objeto de estudo da Linguística, a língua, Saussure afirma que: “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de um contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (SAUSSURE, 2006, p.22). O mestre genebrino dedicou seus estudos à língua, afirmando que esta é coletiva e não individual. Por isso, propôs a distinção *Langue* e *parole*, determinando que seu objetivo era compreender como funciona a língua enquanto sistema. Desta forma, a análise da *langue* seria a forma mais adequada de proceder, já que a fala apresenta variações e nuances que escapariam à análise ou a dificultaria.

O linguista também atribuiu classificações para determinar de que forma os sintagmas se organizam tanto em uma sentença através das relações (*in praesentia*) como também nas suas relações com os sintagmas que estão ausentes (*in absentia*) daquela sentença, mas se relacionam com o sintagma escolhido, pois ambos possuem a mesma função dentro do sistema.

Um forte ponto de oposição dos estudos de Saussure em relação aos estudos histórico-comparativos é expresso na dicotomia sincronia e diacronia. Para ele, não interessa o estudo da língua ao longo do tempo, ou seja, de forma diacrônica, mas sim o estudo da língua naquele dado momento, predominando no seu modelo de análise a maneira sincrônica de estudo da língua.

Ao tratar sobre a dicotomia significante e significado, o linguista mostra o signo linguístico como possuindo duas faces, uma delas seria a palavra manifestada pela sua impressão acústica através da fala ou do gesto, no caso de línguas gesto-visuais, enquanto a outra seria o conceito que o ser humano tem ao ouvir/ver a palavra/sinal, este conceito é construído socialmente, permitindo, por exemplo, a existência de vários idiomas. É perceptível que ao reconhecer a arbitrariedade do signo e a escolha do significado, através de uma convenção social, Saussure aponta para a sociedade que por sua vez é composta por sujeitos e permite pensarmos que o lugar de passividade desse sujeito pode ser questionado.

Ao ocupar-se de analisar as relações entre as partes do sistema linguístico, esta abordagem exclui questões que podem interferir na língua, entre elas as questões sociais e o sujeito, diante disso, é preciso refletir sobre algumas questões: a necessidade da época em delimitar o objeto de estudo da Linguística e a criação de métodos válidos para a análise linguística, tanto é assim que através de Saussure foi instaurado um novo paradigma na ciência, inclusive expandindo o modelo para outras áreas do conhecimento e originando o Curso de linguística geral, obra que até os dias de hoje embasa nossos estudos.

Ademais, é preciso considerar que embora Saussure não tenha incluído o sujeito no seu modelo, ele destaca o fato da língua ser uma instância social, e, através da apresentação da língua enquanto um sistema estruturado e da disseminação de sua teoria foi despertada a criticidade de estudiosos que atentaram para o lugar que o sujeito social ocupa. É importante ressaltar que o momento histórico em que se realizavam os estudos linguísticos postulados por Saussure exigia que houvesse um recorte do objeto de estudo, porém como nas dinâmicas sociais, a língua e seu estudo não estão estagnados no tempo, isso levou os estudiosos a perceberem a necessidade de novos olhares e ampliação daquilo que ele havia definido.

### **3. BENVENISTE E A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO**

A consolidação do paradigma estruturalista fez com que os vários estudos de descrição sistemática da língua fossem realizados, com termos específicos e submetidos à verificação. Essas análises eram postas em prática de tal forma que, assim como Saussure diante dos neogramáticos, Benveniste foi a voz questionadora no momento de efervescência do estruturalismo, mesmo tendo sido aluno de Antoine Meillet (um dos

discípulos do mestre genebrino) o linguista levantou várias questões sobre as exaustivas análises e a necessidade de questionamento da teoria saussuriana, ainda que considerando sua importância e suas contribuições.

Para Benveniste (2005, p.11), o trabalho do linguista se apoiava no discurso e as análises rigorosas apresentavam a transcrição de um conjunto de textos orais que tinham sua significação ignorada pelos linguistas. Na sua obra, ele afirma que a língua é dotada de significação e é em vista disso estruturada. Nas palavras dele:

Podem-se pois, conceber muitos tipos de descrição e muitos tipos de formalização, mas todos devem necessariamente supor que o seu objeto, a língua, é dotado de significação, que em vista disso é que é estruturado, e que essa condição é essencial ao funcionamento da língua entre os outros sistemas de signos. (BENVENISTE, 2005, p.13).

A partir desta afirmação é possível pensar a respeito da significação (produção de sentido) em contraponto à noção de signo postulada por Saussure. Benveniste propõe a consideração do domínio não apenas semiótico, mas, também do domínio semântico. Temos ciência que a distinção entre semiótico e semântico será explicitada por ele apenas em 1969, porém é possível encontrar nos seus escritos o direcionamento nesse sentido, nas palavras de Benveniste a língua é “uma estrutura enformada de significação” (2005, p.80).

Ao apontar para o fato da significação, além dos questionamentos sobre como eram realizados os trabalhos dos linguistas da época, Benveniste propôs seu modelo de análise baseado no enunciado. Assevera em sua obra que: “há de um lado, a língua, conjunto de signos formais, liberados por procedimentos rigorosos, nivelados em classes, combinados em estruturas e em sistemas, e de outro, a manifestação da língua na comunicação viva” (BENVENISTE, 2005, p.139).

Através desta assertiva é possível perceber a mudança na forma de considerar o objeto de estudo. Aqui Benveniste expõe o aspecto duplo da língua: a língua, que fora do discurso, é uma virtualidade, um sistema de signos e a língua, em discurso, informada de significação, atualizada, e relativa a uma situação de discurso específica, mostra seu domínio como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso.

Além dos questionamentos quanto a forma de considerar a língua nos estudos linguísticos, Benveniste (2005), destaca que a linguagem é um fato humano e que o homem é o ponto de interação da vida mental e cultural e é também o instrumento da



interação. Esse raciocínio foi traduzido através da proposição da Linguística enunciativa.

Para a Linguística enunciativa, a interação acontece através da produção de enunciados por meio da polaridade composta pelas entidades: eu-tu. Seguindo a lógica desta teoria “Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro” (BENVENISTE, 2005, p. 27). Deste modo, ao enunciar sempre o fazemos para alguém e sempre nos posicionamos como eu, ainda que não estejamos diante de uma presença física, dessa forma, eu e tu sempre estarão presentes. “A linguagem de algum modo propõe formas vazias das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua pessoa, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu” (BENVENISTE, 2005, p. 289). A linguagem só é possível pela aptidão que cada locutor tem de se propor como sujeito, mencionando a ele mesmo como eu no seu discurso.

É importante destacar que essas entidades são sociais, elas revelam o coletivo, são e compõem uma cultura, partilham desta e, através da linguagem, possuem o poder de transmiti-la, mantê-la e alterá-la. Neste sentido é perceptível o lugar reservado ao sujeito social na Linguística enunciativa, nas palavras do seu criador, “(...) somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade.” (BENVENISTE, 1989, p. 63)

A notável mudança em relação ao espaço ocupado pelo sujeito nos estudos orientados pelo paradigma estruturalista e pela Linguística da enunciação acompanham as observações feitas por Benveniste a respeito do próprio objeto de estudo da Linguística. É preciso atentar para a relação que se estabelece entre homem, língua e cultura.

Em Benveniste é perceptível o avanço no que se refere à forma como é tratado o sujeito social nos estudos linguísticos, ademais podemos perceber tal feito como indício do que posteriormente passaria a ser considerado como objeto de estudo na Linguística. Desse ponto podemos considerar a ampliação das fronteiras para incorporar outras áreas do conhecimento e contribuir para o estudo de um objeto complexo e não resumido a um sistema. O trabalho da Linguística Aplicada se baseia nessa perspectiva e ela será nosso próximo tópico de reflexão.



## 4. LINGUÍSTICA APLICADA E O SEU PAPEL NA CONTEMPORANEIDADE

Corroborando a citação de Flores (2007, p. 71), “o sujeito, independentemente da configuração que tenha, transcende os quadros da linguística; para estudá-lo é necessário convocar exteriores teóricos à linguística”, neste ponto do nosso trabalho, faremos considerações a respeito da Linguística Aplicada (doravante, LA), já que esta é uma área dos estudos linguísticos preocupada com o sujeito social e que recruta, nas suas pesquisas, as demais áreas do conhecimento.

Segundo Moita Lopes (2009), a LA começa nos anos 1940, no contexto da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de desenvolver materiais para o ensino de idiomas. De acordo com o autor, o enfoque inicial dos estudos era o processo de aprendizagem de línguas e esse interesse repercute até hoje nas pesquisas realizadas.

No Brasil, conforme Almeida Filho (2005, p.12), “foi com o sentido de aplicação de teoria linguística que surgiu o termo LA no Brasil nos anos 60”, tendo como primeiros órgãos fomentadores de pesquisas, o Centro de Linguística Aplicada, do Instituto de Idiomas Yázigi, em São Paulo e o Programa de Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC- SP. Inicialmente, suas pesquisas estavam vinculadas à Linguística Geral e consistiam na sua aplicação ao ensino-aprendizagem de línguas.

Posteriormente, e durante bastante tempo, a LA foi estudada como sendo um sinônimo para o ensino de línguas e como uma ponte entre a Linguística e a prática de ensino de línguas. As pesquisas desenvolvidas pelos linguistas aplicados traziam como temas, por exemplo, a análise contrastiva, análise de erros e do desempenho comunicativo global.

A partir de 1980, a LA passou a estabelecer relações com outras ciências, caracterizando-se como interdisciplinar, porém permaneceu dedicada à busca por soluções para os problemas de uso da linguagem. Sobre essa versão interdisciplinar, Cavalcante (1986 apud ALMEIDA FILHO, 2005, p.14), a caracteriza como “o *locus* de confluência das várias contribuições das ciências-fonte para a solução de um problema de uso da linguagem”. Os linguistas aplicados passaram a contar com as contribuições de outras ciências como psicologia, sociologia, pedagogia, etc., para tratar sobre os problemas de linguagem que não podiam ser explicados apenas por meio dos pressupostos da Linguística Geral.



Moita Lopes (2009, p. 16), afirma que “nenhuma área do conhecimento pode dar conta da teorização necessária para compreender os processos envolvidos nas ações de ensinar/aprender línguas em sala de aula devido a sua complexidade”, ele menciona também que durante a fase interdisciplinar o caráter aplicacionista da LA teve uma diminuição, porém, o mesmo autor deixa claro que, apesar dos esforços, a teorização ainda predominou, principalmente nos estudos sobre a língua inglesa.

Foi no final de 1990, segundo Almeida Filho (2005), que a LA passou a ter objeto de estudo e metodologia próprios, pois as percepções sobre a complexidade dos temas relacionados à aprendizagem de línguas situavam as questões de linguagem na prática social e exigiam mais do que o apoio das ciências de contato ou ciências-fonte.

Conforme Moita Lopes (2009, p.17), essa mudança passou a ser bastante perceptível no Brasil, pois os estudos da área começaram a “pesquisar contextos de ensino e aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos, e de outras disciplinas do currículo, e em outros contextos institucionais”. Com a incorporação de vários contextos sociais aos estudos da LA, as teorias socioculturais ancoradas em Vigotski e Bakhtin também começaram a integrar a base teórica dessas pesquisas.

A atuação do linguista aplicado não estava mais focada somente em buscar soluções para problemas diretamente relacionados ao ensino de línguas, sua função social abarcava processos amplos que influenciam na formação do indivíduo como cidadão. Damianovic (2005) pontua que os avanços na LA possibilitaram tratar sobre assuntos como políticas educacionais, avaliação, planejamento educacional, política, linguagem, tecnologia etc.

A necessidade de busca por soluções para os problemas que envolvem a área da LA nasce também da sala de aula e das vivências entre professores-pesquisadores e alunos, não é somente a academia como berço da intelectualidade que deve se ocupar de tal responsabilidade. Há sempre a possibilidade de permanecer na indiferença, porém esse não é o caminho mais frutífero a ser seguido por nós. A perspectiva da LA (In)disciplinar que será contemplada a seguir, mostra como o engajamento em questões relacionadas ao sujeito está cada vez mais vindo à tona nos estudos linguísticos.

O ritmo acelerado das mudanças vivenciadas pelas sociedades no âmbito cultural, econômico e tecnológico, originou grande efervescência nas Ciências Sociais e nas Humanidades. Esse movimento chegou até a LA, gerando questionamentos a respeito de como “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2006, p. 14). Com esse intuito, surgiu a LA

(in)disciplinar caracterizada como uma área mestiça e nômade que estuda os fenômenos de forma diferente de como o fazem os modelos tradicionais. Por considerar a complexidade das questões de interesse científico, essa área de estudos incorporou às suas bases teorias feministas, pós-estruturalistas, pós-coloniais e antirracistas.

Como consequência da busca por novas teorizações e novos modos de entender os sujeitos que se formaram a partir das mudanças sociais, as práticas de vida passaram a interessar aos linguistas aplicados. “A questão que se coloca é como lidar com a diferença com base na compreensão de nós mesmos como outros” (MOITA LOPES, 2006, p. 91), diferente do que acontecia anteriormente, quando as diferenças eram suprimidas e o sujeito social era considerado homogêneo, já que os interesses estavam limitados à Linguística como principal elemento teórico.

Para a LA (In)disciplinar “é crucial pensar formas de fazer pesquisa que sejam também modos de fazer política ao tematizar o que não é tematizado e ao dar a voz a quem não tem” (MOITA LOPES, 2009, p. 22). É perceptível que o lugar central é ocupado pelo sujeito social nessa abordagem, considerando sua cultura, suas características e suas demandas.

Na condição de educadores, a dinâmica de ensino-aprendizagem, nos vários ambientes, nos convoca a pensar a pluralidade do público que forma esses espaços. Para o educador, não existe a possibilidade de pensar os espaços nos quais se desenvolvem o conhecimento, seja ele sobre a língua ou sobre qualquer outro tema, sem considerar a pluralidade do sujeito e a nossa responsabilidade diante deste fato.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez compreendida a importância do sujeito na LA e sua distância entre ela e as correntes de estudo consideradas tradicionais, para alguns estudiosos a solução seria que a LA se constituísse como área independente da Linguística. Não é difícil compreender que ao experimentar mudanças significativas na perspectiva de estudo de um objeto, nesse caso a língua, aqueles envolvidos no processo questionem a necessidade de se manter vinculado ao que antes foi causa de certa inquietação e/ou desconforto, porém o que é a ciência senão o resultado destas aflições que não nos permitem a conformação com o estável?

Linguística e LA estudam o mesmo objeto acessando-o por várias vias e compreendendo-o a partir de diversas categorias teóricas. Por que a Linguística não



suportaria os estudos da LA? Seria necessário então, admitirmos o estudo da língua em Linguística realizado em bases tradicionais comportando apenas tendências de estudo que não dialogam com nosso tempo de forma plena. Não cabe a nós as atitudes que façam com que os estudos em Linguística admitam as discussões recentes e as demandas sociais que a LA apresenta e discute?

Mesmo sabendo que a LA pode tornar-se uma área autônoma dos estudos linguísticos, delimitar os domínios da Linguística e da LA, bem como determinar a influências da primeira sobre a segunda se constituem tarefas complexas. Inicialmente é interessante pensar que foi através do estudo imanente proposto por Saussure que os estudos sobre a língua ganharam *status* de ciência e alcançaram independência.

Além disso, o modelo saussuriano permitiu que outras ciências se aproximassem dos estudos linguísticos e criassem seus padrões de estudo baseados em uma ideia nascida desta área de estudos, permitindo esse movimento transdisciplinar, multidisciplinar que atravessou os tempos. Ser trans, inter, multi e (in)disciplinar é uma das características que estão presentes nos estudos da LA. Não existe forma de escapar das influências relatadas até aqui e não há possibilidade de negar os horizontes que foram abertos pelos precursores dos estudos em Linguística.

Para além dessas questões, ao definir seu modelo Saussure considerou a língua enquanto instância social, a sua escolha pela elaboração do modelo estruturalista não anula o fato de que, a partir dos seus estudos, outros modelos de mesma base surgiram, com propostas muito diversas para estudar a língua. Ao mesmo tempo em que era paradigma científico adotado por vários estudiosos o estruturalismo sofria críticas e a partir delas surgiam outras propostas para os estudos linguísticos.

Dentre as propostas que surgiram da visão crítica em relação ao modelo estruturalista, neste trabalho, já citamos Benveniste que através da teoria da enunciação destacou o movimento de aproximação entre língua, sujeito e cultura aprofundado através da análise da enunciação. De acordo com Flores (2007, p.167), a análise língua-discurso trata dos aspectos envolvidos no uso da língua em uma dada situação.

A compreensão de que língua, sujeito e cultura são fundamentais nos estudos linguísticos, assim como a relevância das análises que consideram o contexto foi transmitida a ponto de ser perceptível uma retomada e um aprofundamento destes princípios em várias propostas de estudos linguísticos ao longo do tempo e nos estudos da LA não é diferente, neste, porém o sujeito é o foco, por isso a epistemologia desta

área parte dos estudos sobre o sujeito e se ancora nos Estudos Culturais e nas Ciências Sociais.

Não há quebra na linha dos estudos linguísticos, ela é ininterrupta, conforme já mencionamos nas páginas anteriores, ainda que determinados fatos levem os estudiosos da área a buscarem outros caminhos, mesmo diante da necessidade de separação em subáreas ou perante um manifesto por autonomia.

Lançarmos o nosso olhar em como os estudos da Linguística são retomados, em certa medida atualizados, por vezes recebem outras nomenclaturas, mas não deixam de marcar presença nos estudos ao longo do tempo é uma atividade que faz com que tomemos consciência dos processos que envolvem a pesquisa na nossa área de atuação.

Um exemplo prático de atualização é o conceito de reelaboração destacado por Araújo (2016), o autor relata que o fenômeno da reelaboração tem sido estudado pelo grupo Hiperged, como fruto dessas pesquisas ele destaca os trabalhos de Lima- Neto (2009), Costa (2010) e Costa (2012). Além destes, o autor menciona Zavam (2009) como propositora das subcategorias, transmutação criadora e transmutação inovadora, tomando por base a ideia de transmutação de Bakhtin (1997), desde então essas subcategorias têm sido usadas pelo mesmo grupo de estudiosos para pesquisas sobre os gêneros textuais/discursivos ambientados na web, porém com a substituição do termo transmutação por reelaboração.

Entre modelos consagrados, reelaborações e novos rumos, na arena das batalhas por uma epistemologia que abarque o complexo objeto estudado pela Linguística há existência de retomada aos modelos já estabelecidos, assim como são compartilhadas as pertinentes considerações sobre as novas demandas sociais nas quais a língua possui papel fundamental. Esses movimentos são aliados à uma luta constante para fazer com que as outras formas de realizar os estudos linguísticos sejam aceitas no meio acadêmico, além daquelas já consagradas pelo tempo.

De acordo com o que temos apresentado neste texto, através das vozes dos estudiosos da área, em relação ao sujeito social, podemos constatar que as considerações a respeito da relação entre língua, sujeito e sociedade não é recente. Os três momentos selecionados para realização das reflexões que tecemos nestas páginas mostram uma continuidade no tratamento do tema, desde Saussure, passando por Benveniste e chegando até à LA.

O sujeito social não foi negado, mas em um primeiro momento ficou excluído daquilo que era considerado válido para os estudos linguísticos, com o objetivo de tornar



esses estudos rigorosamente científicos, pois era preciso delimitar um objeto de estudo e isso foi realizado a partir de Saussure com o estudo imanente da língua. Acreditamos que a retomada dos estudos desde a Antiguidade é uma forma de demonstrar a linha ininterrupta dos estudos linguísticos, além de possibilitar-nos compreender a importância do trabalho de Saussure que abriu as portas para que pensemos na ideia da atuação do sujeito social em relação à língua.

Com passar do tempo, ainda influenciado por Saussure Benveniste constrói sua crítica e propõe a Linguística da enunciação, grávida de outras correntes funcionalistas da nossa contemporaneidade. Ainda sobre o sujeito, temos ciência de que há incompletude nos estudos de Benveniste a esse respeito, conforme aponta Flores (2007). Compreendemos que existe uma mescla nebulosa entre sujeito gramatical, psicológico e filosófico. Nesse trabalho nosso foco foi o sujeito enquanto ente social.

Mais próximo ao nosso tempo, os estudos da LA (in)disciplinar estão aproximando nossos estudos cada vez mais das outras áreas do conhecimento em prol das demandas do sujeito. É preciso olhar sempre com criticidade para todas as formas de fazer ciência, não no sentido de afastamento ou descredenciamento, mas sim dos desdobramentos, contribuições e novos pontos de vista.

## 6. REFERÊNCIAS.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Linguística Aplicada, Ensino de Línguas & Comunicação**. Campinas: Pontes Editores e ArteLíngua, 2005.

ARAÚJO, J. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, J e LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 49- 64.

BAKHTIN, M.M. Os gêneros do discurso In: BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.278-326.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.



CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 129-142.

COSTA, R. R. **A TV na web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia**. Dissertação (Mestrado). Fortaleza: PPGL-UFC, 2010.

COSTA, S. M. **Tweet**: Reelaboração de gênero em 140 caracteres. Dissertação (Mestrado). Fortaleza: PPGL-UFC, 2012.

DAMIANOVIC, M. C. **O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político**. Linguagem e ensino, vol. 8, n. 2, 2005, p. 181-196.

FLORES, V. N. **Sujeito da enunciação e/ou sujeito do enunciado?** Exterioridade e interioridade teórica no campo da linguística da enunciação. Pelotas: UCPel, 2007.

LIMA-NETO, V. **Mesclas de gênero no Orkut**: o caso do scrap. Dissertação (Mestrado). Fortaleza: PPGL-UFC, 2009.

MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L.P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

SAUSSURE, F. D. **Curso de linguística geral**. 27 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ZAVAM, A. S. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva**: um estudo com editoriais de jornais. Tese (Doutorado). Fortaleza: PPGL-UFC, 2009.

*Submetido em: 12/09/2022*

*Aceito em: 16/10/2022*